



i

29-12-2012

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Saúde

Dimensão: 341

Imagem: S/Cor

Página (s): 6



Há publicidade enganosa sobre células estaminais

ANTÓNIO PEDRO SANTOS

Instituto do Sangue contra criopreservação do cordão umbilical

Parecer do Conselho de Ética para as Ciências da Vida emitiu parecer em que criticava promessas e campanhas de bancos privados

FILIPE MORAIS

O Instituto Português de Sangue e da Transplantação (IPST) emitiu ontem uma nota em que defende que a recolha e preservação do sangue do cordão umbilical, devido às células estaminais, é "é controversa, não sendo claramente suportado pela evidência clínica actualmente disponível", sublinhando que "sendo uma opção de carácter familiar e privada, o IPST esclarece que o potencial benéfico, para o próprio ou um irmão é, no momento actual, quase residual e geralmente inexistente".

A polémica em torno da preservação das células estaminais regressou com um parecer conjunto do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV) e do Comité de Bioética de Espanha, que consideram que os bancos privados que conservam estas células fazem promessas "irrazoáveis" e campanhas "agressivas". Em Portugal, mais de 120 mil pessoas recorreram a estes bancos para conservar sangue e tecido do cordão umbilical e placenta, sendo que a maioria optou pelos

bancos privados, com preços na ordem dos 1500 euros, enquanto que o Lusocord, o único banco público, guarda as amostras de forma gratuita.

No seu parecer, o CNECV sublinha que a aplicação destas amostras no tratamento de doenças como Alzheimer ou Parkinson não tem ainda validade científica estabelecida "e o seu uso permanece experimental". O documento critica ainda o modelo comercial dos bancos privados, que são proibidos em França e Itália. A empresa Crioestaminal reagiu com um comunicado em que diz que o parecer do CNECV "ofende a inteligência dos portugueses" e "demonstra ligeireza, imprecisão e falta de fundamento científico na análise que faz ao sector da criopreservação".

No entanto, o parecer sai reforçado pela nota do IPST, que explica que "a probabilidade de uma criança vir a ter uma anemia aplástica grave (...) parece muito baixa (<1 para 50.000) para justificar a conservação de sangue do cordão umbilical para utilização pelo próprio". O IPST reconhece ainda que "a principal motivação para uma família optar pela conservação do san-

gue do cordão umbilical prende-se com a noção de que está a oferecer à criança um "seguro biológico" para o caso de surgir uma doença com indicação para transplante hematopoético autólogo". No entanto, diz que é necessário ter em conta que, "da totalidade dos autotransplantes realizados anualmente, apenas cerca de 5% são em crianças. Na realidade, representam menos de 1 transplante por milhão de crianças."

O IPST critica também as campanhas dos bancos privados sobre a aplicação no tratamento de leucemias, porque, "actualmente o autotransplante não é considerado como a melhor opção nestas situações" e a probabilidade de recorrer a uma unidade conservada "para uso autólogo, rondará 0,4/100.000 ou seja aproximadamente 4 transplantes por cada milhão de unidades conservadas".

Sobre o potencial de tratamento na medicina regenerativa, "Trata-se de hipóteses por enquanto especulativas, que no estado actual dos conhecimentos não justificam a criopreservação autóloga de SCU para utilização na idade adulta". *Com Lusa*